

## MULHERES EM COMBATE: REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADES EM LUTADORAS DE BOXE E MMA

### WOMEN IN COMBAT: REPRESENTATIONS OF FEMININITY IN BOXERS AND MMA FIGHTERS

Vera Fernandes<sup>\*</sup>  
Ludmila Mourão<sup>\*\*</sup>  
Silvana Vilodre Goellner<sup>\*\*\*</sup>  
Carla Lisboa Grespan<sup>\*\*\*\*</sup>

---

#### RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as representações de feminilidades de lutadoras profissionais de Boxe e de Artes Marciais Mistas (MMA) a fim de compreender como estes corpos colocam em cena a transitoriedade e as possibilidades de construção do feminino. Contempla uma abordagem qualitativa do tipo descritivo e encontra sua fundamentação teórica nos Estudos de Gênero, mais especificamente, em sua vertente pós-estruturalista. Seu corpus empírico se estrutura a partir da realização de entrevistas com três atletas profissionais, as quais foram analisadas de modo a apreendermos as representações de feminilidade produzidas por essas atletas. Os discursos nos mostram o quão plural são as identidades e as conformações de gênero das lutadoras. Elas reafirmam serem femininas ao seu modo e dentro de sua modalidade esportiva.

**Palavras-chave:** Boxe. Artes marciais. Feminilidade.

---

#### INTRODUÇÃO

O esporte apresenta-se como um dos fenômenos culturais mais significativos da contemporaneidade dada a sua abrangência e multiplicidade. Seja na dimensão do alto rendimento, do lazer ou da sua manifestação no contexto escolar, sua prática revela-se como um terreno fértil para a produção de corpos e subjetividades. Como qualquer outra prática social, é também um espaço que produz e reproduz representações de masculinidades e feminilidades que são inscritas nos corpos, marcando a pele e os modos de viver de homens e mulheres (ADELMAN, 2007). Tais marcas “produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas” (GOELLNER, 2007, p. 184).

As lutas, práticas esportivas que constituem o campo de investigação deste estudo, por

exemplo, foram historicamente definidas como território de reserva masculina (ELIAS; DUNNING, 1992). Entretanto, mesmo sendo identificadas como práticas esportivas agressivas, de construção e exercício de uma dada masculinidade, as mulheres adentraram nessas arenas há muito tempo e têm disputado modalidades como o judô, jiu-jitsu, muay thai, taekwondo, caratê, boxe e Artes Marciais Mistas (MMA), exibindo distintas representações de feminilidade.

A categoria analítica gênero recusa a ideia de que o sexo anatômico é determinante na imposição das diferenças entre homens e mulheres e indica que essas identidades são construídas social e culturalmente. Para Butler (2010), o gênero, de modo geral, é percebido como identidade-chave para a construção da significação dos sujeitos e fator determinante para sua qualificação dentro de determinada sociedade. A nomeação do sexo restringe a construção e percepção da corporeidade do

---

\* Mestre. Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.

\*\* Doutora. Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.

\*\*\* Doutora. Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.

\*\*\*\* Mestre. Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.

sujeito, sendo um ato performático de dominação e coerção que institui uma realidade social, categorizando modelos de ser masculino e feminino, descartando qualquer possibilidade de articulação com as pluralidades.

Entretanto, as identidades de gênero podem se atravessar e combinarem-se de formas diversas, são dinâmicas, instáveis e estão em constante transformação. Sem negar as diferenças anatômicas do sexo e do gênero, mas, considerando-as para além do corpo, a partir de um olhar plural, podemos entender que a construção das masculinidades e das feminilidades é sempre uma relação de alteridade entre discursos e práticas, entre pertencimentos identitários e posições de sujeitos. Assim se dá com o esporte, entendido aqui como uma prática social sexuada, uma vez que homens e mulheres o praticam, e também generificada e generificadora, constituindo-se como um importante espaço para estudos sobre a construção e incorporação de masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013).

Tal assertiva propiciou, por exemplo, que fosse criado no Brasil um Decreto-Lei que proibiu a participação oficial de mulheres em determinadas práticas consideradas “violentas à natureza de seu sexo”, inclusive as “lutas de qualquer natureza”. O Decreto-lei 3199/41, que entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941, dizia em seu Art. 54 do Capítulo IX, “Disposições gerais e transitórias”, que “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. E, em 1965, através da Deliberação 7/65, o CND criou a regra que dizia: às mulheres – item 2: não seria permitida a prática “de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, rugby, halterofilismo e beisebol”. Essa decisão foi revogada somente em dezembro de 1979 (MOURÃO, 1998). E, passados mais de trinta anos de sua revogação, ainda encontramos em nosso cotidiano uma série de dispositivos que limitam uma inserção mais ampla das mulheres no campo das lutas, fundamentalmente, porque são consideradas como práticas que constroem sujeitos femininos que escapam à norma.

Normalizar significa eleger, arbitrariamente, uma identidade específica como parâmetro, em relação ao qual as outras identidades são

avaliadas e hierarquizadas; e, dessa forma, atribui-se a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2009).

Nesse sentido, “o comportamento normal das pessoas em nossa sociedade (e provavelmente em qualquer sociedade) pode ser visto como uma série de compromissos progressivamente crescentes, com normas e instituições convencionais”, e aqueles que a estes transgridam são considerados desviantes (BECKER, 2009, p. 39). O autor também esclarece que as regras e os rótulos são construídos socialmente em meio a processos políticos, nos quais alguns grupos conseguem impor seus pontos de vista como mais legítimos que outros. Ou seja, o desvio não é inerente aos atos ou aos indivíduos que os praticam, de outra forma, reside na representação do outro que a ele reage. Isso se dá também em relação à masculinidade e à feminilidade, visto que essas representações são construídas em meio a relações de poder engendradas e legitimadas por discursos e práticas que, em sua maioria, são pautados pela anatomia dos sujeitos para indicar aquilo que é mais apropriado para um e outro sexo.

As tecnologias corporais permitem que as pessoas lidem com os imperativos sociais, com as regras de comportamento e com a forma como querem se inserir socialmente; revelam a capacidade de negociar os termos de inserção e trazem ao inteligível as transformações corporais não hegemônicas, questionando o “anormal”, o “desviante”, o “desequilibrado”, que passam de uma resistência ameaçada pela penalização para uma forma de enquadramento entre os grupos que as interpelam na sua vida social. Nessa perspectiva, algumas práticas corporais podem se constituir como espaços nos quais se expressam novas atitudes em relação ao pertencimento cultural, ao gênero, ao prazer, à sexualidade, à tecnologia, à estética e à beleza. Ao lado da adequação ao corpo hegemônico objetivado pelas disciplinas biomédicas e estéticas, aparecem formas alternativas de construção da aparência corporal, as quais desestabilizam as representações dominantes de gênero e de sexualidade.

Assim, a presença das mulheres em um campo representado como privilegiado para a

construção de uma masculinidade normalizada, como as lutas, pode produzir novas identidades de gênero, na medida em que tornam visíveis corpos reestruturados e ressignificados a partir daquilo que hegemonicamente se identifica como feminino. Muitas vezes, esses corpos colocam em cena a possibilidade da transitoriedade, dissolvendo o essencialismo dicotomizado, de modo a revelar múltiplas possibilidades de construção de feminilidades.

No que diz respeito às mulheres, o mais aceitável é que elas vivenciem o espetáculo esportivo desde que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos associados a uma suposta “essência feminina”. Pelo contrário, elas são incentivadas a práticas esportivas e corporais que busquem, senão potencializar, pelo menos, evidenciar uma feminilidade normalizada que, “somada à beleza e graciosidade, também lhe confira gestualidades e comportamentos considerados adequados à sua ‘natureza’” (GOELLNER, 2007, p. 02). No entanto, existem mulheres indiferentes às convenções sociais que se sentem seduzidas e desafiadas a aderir à prática de modalidades consideradas masculinas, seguindo a carreira como lutadoras, se apropriando e conferindo novos significados a esse território ainda tão marcado pela hegemonia masculina.

Considerando a recente inserção do boxe feminino nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012 e a oficialização da primeira luta entre mulheres no *Ultimate Fighting Championship* (UFC) em 2013, este estudo tem por objetivo analisar as representações de feminilidades de lutadoras profissionais dessas duas modalidades, a fim de compreender como esses corpos colocam em cena a transitoriedade e as possibilidades de construção do feminino. Para tanto, apresenta sua fundamentação teórica nos Estudos de Gênero, mais especificamente, em sua vertente pós-estruturalista.

#### **MMA e Boxe: a presença das mulheres nos octógonos e nos ringues**

O MMA é uma prática esportiva moderna caracterizada pelo emprego de técnicas oriundas de diversas artes marciais e de esportes de combate, tais como: capoeira, jiu-jitsu, muay thai, kickboxing, taekwondo, caratê, judô, wrestling, boxe, luta livre e kung fu.

Dentre os esportes considerados socialmente como masculinos e que têm seu “nascimento” nas terras brasileiras, o *Mixed Martial Arts* ou Artes Marciais Mistas (MMA) tem se mostrado como um dos que mais crescem em todo o mundo, sobretudo, porque seus organizadores se utilizaram de elementos da cibercultura – como sites, blogs e redes sociais – para difundir os eventos, assim como criar um público consumidor do espetáculo esportivo e dos produtos e serviços que circulam no seu entorno. Por exemplo, em 2013 o UFC promoveu 33 eventos em 27 cidades diferentes totalizando 65 horas de luta, batendo o recorde de expansão no ano de seu 20º aniversário. Segundo o site MMA Junkie, o UFC teve um total de público de 407.452 pagantes e uma renda de US\$ 52,8 milhões (DEHÓ, 2013).

Com relação à inserção das mulheres na modalidade, destaca-se o ano de 2013, pois, no dia 23 de fevereiro, o *Ultimate Fighting Championship* (UFC) promoveu sua primeira luta entre mulheres: a disputa pelo Cinturão do Peso Galo entre as americanas Ronda Rousey e Liz Carmouche. Em que pese a importância desse acontecimento, vale destacar que as mulheres já participam de lutas há mais tempo, conforme registra a reportagem publicada na Revista Isto É:

O vale-tudo deixou de ser um esporte tipicamente masculino. Nos últimos cinco anos, mestres na arte marcial que reúne técnicas e regras de várias lutas têm acompanhado o aumento do interesse feminino pelo esporte. Estimativas de quem está no ramo há décadas dão conta de que o número de mulheres que querem praticar a luta dobrou entre 2004 e 2009. Atletas e treinadores chegam a falar em três a quatro vezes mais interessadas. Mas o preconceito continua. As atletas recebem bonificações inferiores às dos homens por disputa e sofrem para encontrar campeonatos nacionais abertos aos combates (LEOS, 2009).

E ainda, encontramos registros da participação de lutadoras brasileiras em eventos como o MECA 10, realizado em Curitiba no dia 20 de dezembro de 2003 e o EliteXC, que aconteceu nos EUA no dia 26 de julho de 2008.

Ou seja, a luta do UFC não é uma novidade para as mulheres que já têm uma caminhada nesse esporte, seja dividindo os *cards* – alinhamento de combates que irão ser realizado num determinado local – de lutas com os homens ou em disputas específicas como o *Invicta Fighting Championship*, sediado nos Estados Unidos, que organiza suas lutas segundo as divisões por categorias de peso e que mantém o contrato de várias lutadoras brasileiras.

O boxe olímpico, também conhecido como boxe amador, é uma modalidade esportiva de combate entre dois/duas atletas que utilizam apenas os punhos protegidos com luvas específicas para se defender e também para golpear o/a adversário/a. No Brasil, a modalidade segue os regimentos da Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE) que, por sua vez, está subordinada a Associação Internacional de Boxe (AIBA).

Essa modalidade se difere do boxe profissional por não ter a finalidade de nocaute. Embora este possa acontecer, o objetivo do boxe olímpico é a soma de pontos através da aplicação dos golpes acima da linha da cintura. Outra diferença encontra-se no uso obrigatório de protetor na cabeça. É obrigatório o uso do uniforme composto por calção até a altura do joelho e que demarque nitidamente a cintura, camiseta regata que cubra o tronco, na cor vermelha ou azul. Os/as boxeadores/as disputam medalhas (de ouro, prata e bronze) no boxe olímpico e cinturões no boxe profissional.

O boxe olímpico é dividido em masculino e feminino e possui classes por idade e categorias por peso. Possui um calendário de competições sequenciais que acontecem anualmente. Os/as atletas disputam os campeonatos estaduais e o campeonato brasileiro, além de participarem de campeonatos internacionais, tais como Sul-americanos, Pan-americanos e Mundiais e, a cada quatro anos, os Jogos Olímpicos, cuja inserção da modalidade aconteceu em 1904 para os homens e 2012 para as mulheres.

Semelhante a outros esportes de confronto e combate, a história do boxe no Brasil produziu silêncios sobre a presença das mulheres (MATTEUCCI, 1988), e registros mais sistematizados são encontrados apenas a partir de 1980, ainda que esparsos. Dentre esses registros, Maria Aparecida Oliveira, a Cidinha do Boxe, merece destaque por ser considerada uma

pioneira na divulgação e desenvolvimento do Boxe feminino no Brasil. É detentora do principal registro que se tem sobre as mulheres nesse cenário (MOURÃO; GOMES, 2010). Encontramos ainda registro de participação de atletas brasileiras em competições internacionais desde 2005.

Tal invisibilidade, porém, não impossibilitou a presença das lutadoras nos ringues, o que foi possível comprovar na recente participação nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, foram disputadas três categorias, todas com representação de atletas brasileiras, inclusive, com a conquista de uma medalha.

## METODOLOGIA

O estudo, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos (CEP/UFJF) sob o número 190.069, possui abordagem qualitativa e caracteriza-se como descritivo (BAUER; GASKEL, 2002). O corpus empírico se estrutura a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com três atletas profissionais, incluídas a partir do critério de acessibilidade e da representatividade nacional em suas modalidades de lutas, a saber: duas do boxe olímpico, Adriana Araújo e Érica Matos, e uma do MMA, Ana Maria Gomes Soares, conhecida como Ana Maria Índia. As entrevistas com as atletas de boxe olímpico aconteceram em março de 2013, e com a atleta de MMA em outubro do mesmo ano.

Considerando que ainda existem poucas mulheres em seleções nacionais no Boxe e nas equipes de MMA no alto rendimento, entende-se que as narrativas dessas três atletas são significativas para a compreensão acerca da construção e representação de suas feminilidades. Todas as atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A partir dos objetivos do estudo, realizamos entrevistas temáticas com as atletas, com foco direcionado para a compreensão delas acerca da construção de suas feminilidades e que relações estabelecem entre as exigências técnicas e corporais da modalidade de lutas que praticam com essa construção. Chamamos de exigências técnicas e corporais das lutas o treinamento técnico e físico que, normalmente, resulta em fortalecimento e desenvolvimento muscular,

demonstrações de força, agressividade e virilidade nos treinos e competições.

Delimitado o corpus empírico, utilizamos como referencial metodológico analítico a Análise do Conteúdo, de acordo com Bardin (2011). Analisamos cada uma das entrevistas em separado e, posteriormente, relacionadas entre si, buscando apreender as representações de feminilidade produzidas por essas atletas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Corpo: lócus de combate das feminilidades

Se o corpo é resultado provisório das diversas pedagogias que o investem e regulam, podemos dizer que as marcas de gênero que nele se expressam são resultantes de infundáveis repetições das normas que cada cultura estabelece como pertencente ao masculino e ao feminino, cujo fundamento reside na crença de que estas normas advêm da natureza.

Ao adotar a categoria gênero como uma perspectiva analítica estamos desconstruindo discursos que advogam ser a divisão binária entre os sexos a principal justificativa a designar muitas das posições que os sujeitos assumem em diversificados discursos e práticas. Esse sistema binário de explicar os corpos e os gêneros produz e reproduz a aceitação de que o gênero espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a sua natureza biológica que, por sua vez, determina as sexualidades e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais (BUTLER, 1999).

Assumir o gênero é interpretar as normas de gênero na superfície do corpo em um determinado contexto. Para Butler (2010), esse efeito é performativo e tem o poder de produzir aquilo que nomeia, repete e reitera as normas. Isso poderá servir aos interesses da cultura conservadora, estabelecendo a heterossexualidade compulsória justamente com o sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero, em que o homem é o modelo para todas as relações, inclusive aquelas nas quais ele não está presente, e/ou resiste à significação cultural dominante e reforçar e revelar as suas ficções.

Dessa forma, performatividade são possibilidades de construção, de modelagens, enunciados que fazem acontecer, que atribuem valores, que descrevem e produzem. Como explica Salih (2012, p. 91), “[...] a linguagem e o discurso é que ‘fazem’ o gênero. Não existe um ‘eu’ fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos, e não causas, dos discursos que ocultam a sua atividade”. É nesse sentido que a identidade de gênero é performativa.

No âmbito do esporte, essa representação não se dá de modo diferente. Os sujeitos são pensados como masculinos e femininos a partir de sua natureza. Decorrente dessa normalização, alguns esportes são tidos como mais “masculinos e/ou femininos”, os quais são indicados para homens e/ou mulheres. Aqui, como em tantas outras situações, a ordem binária legitima-se diante de argumentos pautados pelo dimorfismo sexual, o qual, por sua vez, cria uma ordem de gênero que vai designar como apropriado ou impróprio às representações vinculadas ao domínio masculino e/ou feminino (BUTLER, 1999).

Sendo o esporte instituição generificada (MESSNER, 1992), cuja estrutura e valores reforçam concepções dominantes de masculinidade e feminilidade, e também um fenômeno generificador, que colabora para construir a ordem vigente de gênero que, em última instância, reforça a tese de que o esporte é uma “área de reserva masculina” (ELIAS; DUNNING, 1992), o que dizem essas lutadoras profissionais, uma vez que são mulheres que ultrapassaram as fronteiras do gênero?

Ao serem inquiridas sobre as exigências técnicas e corporais das modalidades que lutam e sua influência sobre seu corpo e sua feminilidade, identificamos variações nas respostas das lutadoras. A atleta de boxe olímpico, Adriana (2013), de modo enfático, afirmou que não percebe essa influência, pois, em sua opinião “a feminilidade sempre está com a mulher. Independente do que ela faça, ela nunca vai deixar de ter a sua feminilidade, [...] pode ser o boxe, como natação ou o judô, tanto de lutas como quando não é”. Essa percepção é relativizada por Érica (2013) quando diz:

“Em alguma coisa sim. Mas eu, particularmente, não deixo que isso aconteça. Geralmente, você vê uma boxeadora, assim, forte, veste roupa de homem e eu procuro ser sempre o contrário. Uma vez eu fiz uma matéria em que o repórter falou assim: Nossa! Neste instante você estava tão linda e agora você tá assim. Eu tinha acabado de descer do ringue, eu falei: É que aqui em cima eu sou a ‘fera’ e aqui embaixo eu sou a ‘bela’. [...] porque eu procuro sempre tá com o cabelo solto, maquiagem, unha feita pra poder diferenciar. [...] Sempre ando com vestidinho, com saíinha, bem arrumadinha”.

E Ana Maria (2013) foi mais incisiva em sua resposta. Nas suas palavras:

“Ah interfere. Eu sou tosca. Eu não sou nem um pouco sutil. Eu sou feminina, mas eu não sou delicada. Eu nunca fui delicada, entendeu, já é um traço da minha personalidade. Eu não sou uma mulher leve, eu sou uma mulher densa. E eu sou densa e o meio corrompe. [...] Poh, eu sou uma mulher que vive só no meio de homens. O jeito que eu sento, eu não posso sentar assim com a perna cruzada. Até porque, tipo, eu não posso ter esse tipo de comportamento porque eu tenho meio que me igualar com os meninos até pra eles não perceberem essa distância. [...] Então, pra eu poder ter um treino ali, pra eu ter uma postura dentro do tatame eu não posso ficar de nhem nhem, senão não vai dar certo. Então, eu sou densa, entendeu. Interfere nos meus gestos, no meu jeito, na minha forma de falar. Eu sou mais tosca, eu falo mais igual homem [...]. A minha linha de raciocínio não é igual a de mulher [...]”.

Ou seja, entre as atletas de Boxe, encontramos representações diferentes sobre a influência da modalidade na construção da feminilidade. Percebemos que para Adriana a prática esportiva não é incorporada em seus comportamentos, gestos e modos de ser. A atleta percebe a feminilidade não como uma estrutura padrão, sexuada, mas, como uma particularidade individual e única de toda mulher. Em outras palavras, tão plurais quanto são as mulheres

também são as feminilidades. Esse ponto de vista vai ao encontro da teorização feminista, a qual afirma que os modos de ser e viver feminilidades são plurais. Nesse sentido, é ingênuo que nos dias de hoje ainda seja falado da “feminilidade, do feminino ou da mulher como se houvesse alguma essência ou uma forma singular de viver essa condição” (LOURO, 2008). As múltiplas experiências e influências étnicas, religiosas, de classe, de gênero e outras constroem uma diversidade de possibilidades, cujo enfrentamento ou os modos de subordinação a essas circunstâncias também são múltiplos (GOELLNER, 2010).

De forma diferente, Érica distingue sua feminilidade entre os momentos em que está dentro e fora dos ringues. Através da analogia ao famoso desenho infantil, produzido pela Disney, “A Bela e a Fera”, observamos que a atleta confere importância ao que os outros percebem sobre sua aparência; gosta de chamar a atenção de quem a vê fora dos momentos de competição e que a reconheçam como uma mulher que se cuida e se produz, por isso, busca definir bem seus momentos como lutadora de seu estado de mulher.

No ringue Érica encarna a personagem da lutadora, momento em que se despe de qualquer preocupação com a aparência. O suor, o cabelo desalinhado, por vezes o rosto ferido, o uniforme e os acessórios necessários ao confronto, além dos gestos agressivos a caracterizam como uma atleta profissional de Boxe. E, quando não está lutando ou treinando, preserva uma aparência em que a representação de feminilidade normalizada revela-se junto das maquiagens, cor do esmalte, adereços e vestimentas, incorporando a vaidade, entendida como algo inerente, previsível e que naturalmente constitui o “ser mulher” para a atleta.

A opinião da lutadora não se dá sem razão, afinal, é esta representação que circula em diferentes espaços sociais, e é considerada legítima, inclusive nos espaços esportivos: “Uma representação positiva de feminilidade segundo a qual a mulher, mesmo sendo uma atleta não deixa de cuidar de sua beleza, vaidade e feminilidade: atributos considerados como naturais para seu sexo” (FIGUEIRA, 2008, p. 222).

Já a lutadora de MMA, Ana Maria, percebe em sua feminilidade uma forte influência do

meio masculino em que convive. É notável, porém, que intencionalmente “abre mão” de certos comportamentos, gestualidades e até sentimentos representados como femininos, e incorpora outros culturalmente tidos como masculinos. Dessa forma, podemos apreender na atleta a sua capacidade de adaptação e pertencimento ao espaço em que está inserida (em que a maioria é de homens). Essa condição vivenciada pela atleta é corroborada por outros estudos sobre o ambiente das academias de esportes de combate e artes marciais que, em geral, são dominados por um tipo de cultura masculina impregnada pela “semântica da virilidade que considera a presença feminina uma afronta à ordenação simbólica daquele universo” (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008, p. 286). Ou seja, cabe às mulheres que decidem pela carreira de lutadora se adaptarem ao que está posto de forma simbólica, histórica e cultural pelos homens.

A experiência relatada pelas atletas de Boxe e MMA, em 2013, foi também registrada no estudo em que Oliveira (2002) analisa a narrativa de técnicas do alto rendimento no Brasil, as quais revelam ser necessário ajustar seu comportamento para enfrentar as responsabilidades de atuar no esporte competitivo; sendo também necessária uma mudança de postura, não em termos de feminilidade, mas no caso das relações de poder, para lidar com os gestores do esporte.

No estudo de Souza e Mourão (2011), observamos que a decisão da técnica da seleção nacional feminina de judô, de ajustar seu comportamento ao contexto de pressões, enquadra-se nas estratégias de sobrevivência de mulheres atletas que se envolvem com as atividades de técnicas em esportes predominantemente masculinos. Contudo, algumas pesquisas revelam que isso acontece em esportes indicados a mulheres, como é o caso do Voleibol (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012). Neste estudo, a treinadora adaptou seu comportamento para se adequar à realidade política do esporte. Se considerarmos as relações de poder, sobretudo nos cargos de liderança, essa estratégia da treinadora, para sua permanência no cargo, era previsível.

Podemos observar, assim, que no esporte, tanto em ambientes do treinamento, como da gestão ou da arbitragem, considerados de

domínio masculino, o ordenamento de gênero impõe barreiras às mulheres, que passam a “negociar” sua permanência de forma muito similar. E, na presente análise, apreendermos que as lutadoras fizeram referências, em suas respostas, a representações de feminilidade relativamente distintas. Por isso, tentamos delimitar melhor o que entendiam por esse marcador identitário diante de uma questão bastante direta: o que é ser feminina?

Adriana (2013) reafirmou sua resposta anterior, ressaltando, com ênfase: “Ser feminina é você ter sua vaidade. É você se sentir e se achar mulher, independente de qualquer coisa e só”. Ou seja: a atleta não está preocupada com padrões ou normas de feminilidade, tampouco com a opinião alheia. O fato de ser mulher já indica uma feminilidade, qualquer que seja. Já Érica (2013) partilha de uma representação de feminilidade mais próxima da normalizada ao afirmar que ser feminina é:

“Permanecer sempre com a sua feminilidade. Assim, demonstrar que você é feminina, que você é sutil, que você é fina. Ah, acho que isso é essencial pra uma mulher. Não só pro Boxe, mas pra qualquer outro tipo de modalidade que tem por aí. Acho que tem que ter um diferencial, tem que ser diferente” .

Para Érica o esporte, seja ele qual for, pode comprometer a expressão da feminilidade normalizada, sendo responsabilidade da própria atleta cuidar para que isso não aconteça. Ser diferente aqui denota manter-se feminina, afastar-se do padrão atlético viril, o que entende ser conciliável. Sua fala expressa aquilo que Goellner (2006) denomina de imperativo da beleza, segundo o qual a mulher, mesmo que não seja bela, deve fazer o possível e o impossível para ser ou para parecer ser. No caso do esporte: “seja atleta, mas bela e, se possível, feminina”. Portanto, ser feminina, para a lutadora, é expressar no seu corpo aqueles atributos que nossa cultura entende como femininos, sem manifestar muitas oscilações nessa representação.

A profissional do MMA recorre à expressão “coisas de menina” para exemplificar situações nas quais indica expressar o seu “jeito feminino de ser”. Vejamos:

“Não abrir mão de mim como mulher. Eu só treino gostosa, em nenhum momento eu quero ser um homem porque eu luto, minha vaidade não sai de mim nenhum segundo. Eu não preciso ser mulher como as outras. Eu [...] gosto de me ver cheirosa, eu gosto de me ver bonita, eu gosto do meu cabelo arrumado, eu só vou pra academia arrumadinha pra lutar, [...] não é porque eu vou lutar que vou ficar feia agora. [...] Eu acho que eu sou muito focada em cheiro e... em ser leve com as coisas [...]. Mas as minhas coisas são tudo de menina, você pode olhar [apontava para os objetos pessoais de seu quarto – local da entrevista]. [...] só que eu não sou fresca, é diferente, entendeu? Eu sou mais tranquila, assim tipo, é tudo mais comum, mais normal. Mas eu gosto de tudo em mim [...]. Eu gosto muito de fazer a unha, eu gosto muito de ver a minha unha sempre arrumada também. Eu tenho as minhas sutilezas de menina, que eu não abro mão de mim como mulher. Eu gosto de ser uma mulher arrumada, cheirosa, eu gosto de estar gostosa que não sei o quê, mas isso tudo é pra mim, pra eu não perder o meu ponto de referência. E... eu não acho que mulher tem que ser fresca não” (ANA MARIA, 2013).

Percebemos que essa lutadora tem grande preocupação em diferenciar as gestualidades do esporte que pratica em relação à sua aparência dentro e fora do ambiente de combate. Se por um lado, no espaço dos treinos e das lutas, ela busca se aproximar de um comportamento culturalmente identificado como masculino para poder conviver com os homens de seu meio esportivo, por outro assume que “não quer se parecer um homem porque luta” (ANA MARIA, 2013). Para tanto, investe em sua aparência com vestimentas e pinturas identificadas com os símbolos e signos reconhecidos como femininos, “de menina”, ou seja, identificados como pertencentes a uma feminilidade normalizada, para que não se perca a referência. Esses depoimentos indicam o vivenciado por outras atletas de lutas, na medida em que, segundo Ferretti (2011) para serem aceitas nos locais de treino, precisam igualar-se aos homens e ao mesmo tempo preservar uma aparência que os outros julguem como feminina.

Ao analisar atletas praticantes de fisiculturismo, Jaeger (2009) identifica que existe uma preocupação por parte dessas mulheres em demonstrar sua feminilidade em um esporte que não é apenas de domínio dos homens, mas, se presentifica mediante uma potencialização muscular exacerbada. Para a autora, a construção corporal dessas atletas destaca uma hiperfeminilidade normalizada, produzida em meio a:

músculos, maquiagem, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que, quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos no sentido de remetê-los novamente ao centro (JAEGER, 2009, p. 143).

Os investimentos que Érica e Ana Maria fazem sobre sua aparência indicam que, para essas atletas, o fato de serem lutadoras de esportes considerados violentos não atrapalha o seu modo de ser mulher e, portanto, feminina. Ou seja, mesmo que as modalidades esportivas que praticam produzam um corpo forte, ágil, preparado para levar muitos chutes, socos e pancadas, elas não o identificam como estranho ou abjeto. De outro modo, fazem dele um portador de sua feminilidade e de seu modo de ser mulher, ora dentro, ora fora do ringue e do octógono. Reafirmam uma representação de feminilidade socialmente mais aceita e também mais desejada.

Podemos pensar, portanto, que não só o meio, mas também as opiniões e crenças individuais participam da construção e representação de feminilidades. Tal reação nos leva a entender que as práticas culturais – dentre elas o esporte – produzem e compartilham significados, ensinam e configuram tipos particulares de identidades e subjetividades (RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004).

## CONCLUSÕES

As lutadoras de Boxe e MMA vivem situações distintas em termos de exibição de seus corpos. Ao adentrarem o octógono ou o ringue,



espetacularizam seus corpos potencializados pelas tecnologias de preparação física e exibem performatividades que são marcadas pela virilidade, força, coragem, raiva. No entanto, fora – e por vezes, dentro – do cenário das lutas, parecem ressaltar aspectos relacionados à feminilidade normalizada, em especial quando aparecem em entrevistas e eventos, nos quais, muitas vezes, precisam aparecer e parecer femininas: maquiadas, trajando vestuário considerado adequado às mulheres e apresentando uma gestualidade delicada. Tal postura indica que o sujeito corporificado não é o mesmo o tempo todo e o aparato que constrói seu corpo não consegue fixá-lo: ora ele é assujeitado, ora consegue fugir. As lutadoras parecem circular entre essas múltiplas

possibilidades e, consoante o espaço de aparição, exibem-se mais ou menos “femininas”.

Considerando que o esporte é um local pedagógico, disputado por saberes e poderes de natureza diversa, entendemos que a presença dessas mulheres promove a afirmação de que outras representações de feminilidades são possíveis e necessárias. Seus corpos, mesmo que identificados como excêntricos ou fora da normalidade, evidenciam o quão plurais são as identidades e as conformações de gênero dos sujeitos, inclusive porque reafirmam, nas suas narrativas, serem femininas ao seu modo e dentro de sua modalidade esportiva. Tal percepção precisa ser considerada, caso contrário, não será possível abrir novas fronteiras e abraçar uma nova genealogia de gênero.

---

## WOMEN IN COMBAT: REPRESENTATIONS OF FEMININITY IN BOXERS AND MMA FIGHTERS

### ABSTRACT

This study aims to analyze the representations of femininity in professional boxers and Mixed Martial Arts (MMA) fighters in order to understand how these athletes put into play the transience and the possibilities of construction of the feminine. It features a qualitative descriptive approach and finds its theoretical foundation in Gender Studies, more specifically, in its poststructuralist aspect. The empirical data is structured from interviews with three professional athletes analyzed in order to apprehend the representations of femininity generated by these athletes. Their discourses reveal multiple identities and conformations of gender which reaffirm their unique ways to be feminine within their sort of sport.

**Keywords:** Boxing. Martial arts. Femininity.

---

### REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, dez. 2007. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2889>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

ADRIANA. **Mulheres de Ouro**: trajetória e representações de atletas de lutas. 2013. Entrevista concedida à Vera Lucia Ferreira Pinto Fernandes.

ANA MARIA. **Mulheres de Ouro**: trajetória e representações de atletas de lutas. 2013. Entrevista concedida à Vera Lucia Ferreira Pinto Fernandes.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

DEHÓ, M. UFC: 65 lutas e 128 nocautes em 2013. **UOL esporte**: blog na grade do MMA, São Paulo, 05 jan. 2013. Disponível em:

<<http://nagradedomma.blogosfera.uol.com.br/2014/01/05/ufc-65h-de-lutas-e-128-nocautes-em-2013/>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.) **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ÉRICA. **Mulheres de ouro**: trajetória e representações de atletas de lutas. 2013. Entrevista concedida à Vera Lucia Ferreira Pinto Fernandes.

FERRETTI, M. A. C. **A formação da lutadora**: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de lutas. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FIGUEIRA, M. L. **Skate para meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

- GOELLNER, S.V. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. **Labrys: Estudos Feministas**, Brasília, DF, n. 10, p. 12, jun./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys10/riogrande/silvana.htm>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- GOELLNER, S. V. O Esporte e a Cultura Fitness como Espaços de Generificação dos Corpos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. **Anais...** Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 1-9.
- GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/cadernos/article/view/984/556>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/106728>>. Acesso em: 15 out. 13.
- JAEGER, A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- LEOS, J. As mulheres do vale-tudo. **Isto É**, Edição nº. 2058. São Paulo: Editora Três, 22/04/2009. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/12340\\_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO](http://www.istoe.com.br/reportagens/12340_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO)>. Acesso em: 07 Fev. 2013.
- LOURO, G. L. Feminilidades e pós-modernidade. In MOTA, L. **Invenção do contemporâneo: a construção dos gêneros**, Internacional, 2008. Disponível em: <<http://vimeo.com/28127159>>. Acesso em: 14 maio 2013.
- MESSNER, M. **Power and play: sports and the problem of masculinity**. Boston: Beacon Press, 1992.
- MATTEUCCI, H. **Boxe: mitos e histórias**. São Paulo: Hemus, 1988.
- MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- MOURÃO, L.; GOMES, E. Mulheres no ringue: a pioneira Maria Aparecida de Oliveira. In KNIJNIK, J. (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- OLIVEIRA, G. A. S. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.
- RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, N. G. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 109-129, jan./abr. 2004.
- ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 219-237, out. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32657/23456>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SILVA, T. T. (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.
- SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD X/ FAPERJ, 2011.
- THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. Controle de si, dor e a representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 281-290, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/4992/4974>>. Acesso em: 09 agos.13.

Recebido em 10/12/2014

Revisado em 01/03/2015

Aceito em 09/03/2015

---

**Endereço para correspondência:** Vera Fernandes. Faculdade de Educação Física e Desportos, Campus da UFJF s/n, Martelos, Juiz de Fora/MG. CEP: 36036-330. E-mail: vera.fernandes@gmail.com.